

# FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO COMO MISSÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR: contribuições da teoria da estética da recepção

*Michelle Claudino Pires*

Mestranda em Letras pela UniRitter.

E-mail: [pires.miche@hotmail.com](mailto:pires.miche@hotmail.com)

*Ana Maria Bueno Accorsi*

Doutora em Letras, Teoria da

Literatura, pela Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande

do Sul. Professora adjunta da

Universidade Estadual do Rio Grande  
do Sul.

E-mail: [ana-accorsi@uergs.edu.br](mailto:ana-accorsi@uergs.edu.br)

## RESUMO

A presente pesquisa se propôs a avaliar o impacto de uma oficina de leitura de literatura baseada na Teoria da Estética da Recepção, de Hanz Robert Jauss (1921-1997) e Wolfgang Iser (1926-2007), no que tange à formação do leitor e ao desenvolvimento do gosto pela leitura. A leitura coletiva do conto “O coração delator”, de Edgar Allan Poe, foi seguida de contextualização histórica do autor e da obra, e de interpretação do texto. A oficina apresentou-se como uma ação da Biblioteca Escolar para a prática de leitura de literatura como lazer e prazer estético. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por meio de pesquisa-ação, cujo instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado com os estudantes. Foi possível inferir que a oficina baseada nas premissas da Estética da Recepção teve um impacto positivo para os estudantes inclusive para os que afirmaram não gostar de ler, no que respeita ao contato prazeroso com a literatura, portanto, para o incentivo à leitura; que ela foi capaz de desenvolver a percepção estética, por meio de uma leitura crítica, contextualizada e interpretada a partir das diferentes leituras de mundo. Sendo essa oficina uma possibilidade de ação do bibliotecário, o desafio é estabelecer a parceria com professores e com a coordenação pedagógica a fim de que a biblioteca esteja presente no programa escolar, para que se tenha uma formação do leitor efetiva.—

**Palavras-chave:** Formação do Leitor literário. Incentivo à Leitura. Biblioteca Escolar. Teoria da Estética da Recepção.

READER'S LITERARY EDUCATION AS MISSION  
SCHOOL LIBRARY: RECEPTION A ESTHETIC THEORY  
OF CONTRIBUTIONS

## ABCSTRAT

The present study aims to assess the impact of a literature reading workshop based on the Reception Theory, by Jauss, in regards to developing reading skills and promoting a taste for reading. The collective reading of the tale "The Telltale Heart", by Edgar Allan Poe, was followed by the historical contextualization of the author and the work, and text interpretation. The workshop was presented as a School Library action for practicing literature reading as leisure and for aesthetic pleasure. The research is characterized as qualitative, through action research, and the data collection instrument was a questionnaire applied to the students. It was possible to infer that the workshop based on the premises of the Aesthetic of Reception had a positive impact on the students with respect to a pleasant contact with literature, therefore, encouraging reading; that it developed an aesthetic perception, through a critical reading, contextualized and interpreted by different readings of the world.

**Keywords:** Developing reading. School Library. Aesthetic of Reception.

## 1 INTRODUÇÃO

A formação do leitor é um dos desafios nacionais. Dados apresentados na pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" (FAILLA, 2016) apontam que 56% da população brasileira seja leitora. Embora seja animador o fato deste número ter crescido 6% nos últimos quatro anos, há de se concordar que mais de 90 milhões<sup>1</sup> de não leitores é bastante significativo.

Nesse contexto, o bibliotecário escolar tem um espaço profissional privilegiado para propor ações que possibilitem projeção de mudança deste quadro sobre a leitura. Ainda mais: é parte de sua missão. Segundo o "Manifesto da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar" (1999), a missão da biblioteca escolar, por meio de seus serviços e de seus recursos, é a de proporcionar a seus usuários oportunidade de se tornarem sujeitos pensantes, críticos e proficientes no uso da informação. Destacam-se entre os seus objetivos, os que tangem mais diretamente à leitura: "[...] desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e

---

<sup>1</sup> Conforme dado de projeção populacional brasileira do IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

da aprendizagem.” e “[...] organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade.” (IFLA; UNESCO, 1999, p. 2). No entanto, essa atuação pode torna-se um grande desafio para esse profissional, que pode não ter uma formação focada em processos pedagógicos ou em teoria literária, com vistas à formação de leitores do tipo de texto literário. Por isso, a necessidade de busca por e aprofundamento de conhecimentos.

A pesquisa apresentada neste artigo foi realizada em um colégio particular de Porto Alegre/RS. Pesquisas internas da rede educacional na qual esse colégio está integrado apontam que os estudantes apresentam um crescente desinteresse pela leitura nos anos finais do Ensino Fundamental. Para melhorar essa situação, acredita-se necessário que a Biblioteca se engaje junto com as demais instâncias da escola para melhorar essa situação da leitura.

Por falta de esclarecimento, observa-se que, de maneira geral, há uma tendência, no âmbito escolar, do “uso” da literatura com uma função pedagógica, usando um texto literário como pretexto para análise gramatical ou para reforçar conteúdos e valores trabalhados em sala de aula. Regina Zilbermann (2012, p. 26) confirma essa prática: “[...] embora compartilhem uma função, literatura e escola não se identificam, se bem que esse tenha sido o pretexto para justificar o uso da obra de arte ficcional em sala de aula com o intuito unicamente pedagógico.” Além disso, vê-se normalmente, o trabalho “interpretativo” ser focado exclusivamente no autor. Muitas vezes, os *estudantes* devem encontrar respostas certas e uniformizadas para as questões propostas. Neste sentido, frequentemente, o estudante se aproxima da literatura preparado para “aprender a lição”. Essas são práticas escolares recorrentes que tendem a afastar o leitor/estudante do prazer de ler.

Para tentar minimizar esses problemas e enfatizar o prazer de leitura literária, a presente pesquisa, que foi apresentada como Trabalho de Conclusão para obtenção de grau de pós-graduação *Lato Sensu* no curso de Especialização de Teoria e Prática da Formação do Leitor, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, objetivou avaliar o impacto de uma oficina de leitura de literatura baseada na Teoria da Estética da Recepção, planejada e executada pela bibliotecária da escola, com o apoio e a parceria da professora de Língua Portuguesa. O trabalho foi desenvolvido com estudantes da 8ª série do Ensino Fundamental.

Apresentaram-se como objetivos específicos: avaliar se a ação proposta pela biblioteca, por meio de uma oficina, pode ser significativa para a formação do leitor e para o incentivo à leitura; identificar se os estudantes pretendem ler mais obras semelhantes à que leram e utilizando as práticas sugeridas pela oficina (contextualizando a obra e o autor e fazendo perguntas ao texto, num exercício de crítica e de interpretação).

A oficina baseou-se nas seguintes ações: trabalhar literatura em âmbito escolar como uma prática de lazer e prazer estético; desenvolver trabalho interpretativo focado no leitor e não no autor; dar significância para o conhecimento do contexto histórico do autor e da obra; trazer o contexto da obra literária para o contexto do leitor e, com as suas concepções de mundo.

## **2 FORMAÇÃO DO LEITOR**

Formar leitor é um trabalho que vai além de incentivar a leitura. A ideia de incentivo à leitura está mais para o estímulo para que os estudantes deem continuidade ao ato de ler do que para a sua qualificação. E, em âmbito escolar, é de interesse que os estudantes tanto vislumbrem a leitura como uma ação presente em sua rotina, quanto pratiquem-na de forma crítica e qualificada.

Segundo Bordini e Aguiar, “a formação do leitor de literatura não pode ser idêntica à formação do leitor genérico ou pragmático” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 15). Para as autoras, a leitura de literatura exige mais do que conhecer fonemas ou normas gramaticais, já que a significação de cada elemento do texto se dá através do contexto da experiência humana. “A fruição plena do texto literário se dá na concretização estética das significações.” (Idem, p. 16).

Para Zilberman (2012), a formação de leitor está nas bases da escola. A função da educação, bem como a da literatura, tem natureza formativa: objetiva a formação dos indivíduos e sua aproximação com a realidade. No entanto, por meio de práticas equivocadas, muitas vezes, a escola acaba por afastar a literatura de seu estado de arte, que tem por característica sintetizar a realidade através da ficção, e, por conseguinte, afastando o estudante dessa realidade.

Um dos alicerces para a formação do leitor, segundo Zilberman (2012), é a seleção dos textos literários, que devem estar comprometidos com a qualidade estética e não com conteúdo do tipo edificantes e moralizadores, comumente pedagógicos. O caráter inovador da obra, apresentando uma visão original do mundo, e a capacidade de fazer com que o leitor reconheça o mundo onde está inserido, são características significativas para a seleção.

Outro fator importante para a formação do leitor, segundo a autora, se refere à forma com que o texto é trabalhado: “Ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as várias interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico [...]” (ZILBERMAN, 2012, p. 28). Além de alfabetizar, é atribuição do professor [e do bibliotecário]:

[...] emergir do deciframento e compreensão do texto, pelo estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional. É a partir daí que se pode falar em leitor crítico [...] [e] a literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica.” (ZILBERMAN, 2012, p. 29)

A fim de formar esse leitor crítico, torna-se necessária a seleção de textos com qualidade estética, que apresentem diversidade de leituras de mundo, estimulando a reflexão acerca da própria leitura de mundo do leitor.

### **3 TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

Hans Robert Jauss (1921-1997) e Wolfgang Iser (1926-2007) são considerados os dois principais pensadores dentro da teoria literária, relativamente à Estética da Recepção. Esta proposta foi elaborada a partir dos anos de 1960, como uma reação às correntes teóricas que a antecederam: a marxista, cuja principal crítica era a tendência em analisar a literatura somente por seu viés de representatividade social, e a formalista, que concebia a obra literária somente por seus aspectos formais, ignorando as influências do contexto social e histórico do autor. (ZILBERMAN, 1989).

A Estética da Recepção é uma teoria que funde duas orientações fundamentais: a própria recepção da obra literária, como o nome já indica, e o efeito estético. Os autores explicam:

Segundo Jauss,

[...] o **Efeito**, [é considerado] como o **momento condicionado pelo texto** e a **recepção**, como o **momento condicionado pelo destinatário**, para a concretização do sentido como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. (JAUSS, 1979a, p. 49-50 grifo nosso)

Ademais, segundo Iser,

A **recepção**, no sentido estrito da palavra, diz respeito à **assimilação documentada de textos** e é, por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que coincidam com a apreensão de textos. Ao mesmo tempo, porém, o próprio texto é a ‘prefiguração da recepção’, tendo com isso um **potencial de efeito** cujas estruturas põem a assimilação em curso e a controlam até certo ponto. (ISER, 1996, p. 7, grifo nosso)

Em suma, a recepção e o efeito “operam com métodos históricos-sociológicos ou teórico-textuais”, respectivamente. (ISER, 1996, p. 7) A recepção, é entendida como o momento da leitura, considerando o tempo histórico do leitor e seus horizontes de expectativa e o efeito estético como o momento da produção do texto. “O texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento, à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida.” (ISER, 1996, p. 11). Para o autor, o conceito de acontecimento é a relação entre a seleção (escolha do ponto de vista da realidade, e, por consequência, rompimento com ela) e a combinação (os elementos da realidade são recombinações, e nesse sentido, os limites semânticos do léxico são ultrapassados).

O marco da para o estabelecimento desta teoria é a palestra proferida por Jauss, em 1967, na Universidade de Constança, na Alemanha. O registro desta palestra recebeu o título em português “A história da literatura como provocação”, cuja versão definitiva foi revisada e publicada em 1970. (ZIBERMANN, 1989, p.115),

Nessa obra, o autor postula sete teses que embasam sua teoria para uma nova história da literatura, cujas quatro primeiras têm caráter de premissa e as últimas são preceitos para a história da literatura. Elenca-se e define-as a seguir.

A primeira se refere à historicidade, que relaciona o contexto histórico da obra literária ao contexto histórico do leitor. Refere-se ao caráter da atualidade da obra literária. (COSTA, 2011)

A segunda tese considera o saber prévio, ou o horizonte de expectativas; o que está apresentado na obra dialoga com as experiências e saberes do leitor, então a recepção se torna um fato social e histórico, pois as reações individuais são parte de uma leitura ampla do grupo no qual o homem, em sua historicidade, está inserido e que torna sua leitura semelhante à de outros homens que vivem a mesma época. (COSTA 2011, p. [4]). Além disso, “Cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social” (ZILBERMAN, 1989, p. 34).

Na terceira tese, Jauss afirma que o texto pode confirmar ou romper os horizontes de expectativas do leitor, por meio do estranhamento. Para ele, as obras que conseguem perpassar o tempo causando este sentimento de estranhamento e rompimento dos horizontes de expectativas dos leitores de qualquer período histórico, são as grandes obras da humanidade.

A quarta tese examina a quais expectativas da época a obra se propunha e a que necessidades do público leitor a obra atendeu. Diz respeito à hermenêutica literária. (ZILBERMAN, 1989)

A quinta tese e as próximas duas referem-se a preceitos para o estudo da literatura: contemplação diacrônica – que analisa a relação da obra com as obras anteriores; a sexta considera o aspecto sincrônico – que se refere ao conhecimento das obras produzidas no mesmo período temporal e o que provocou rupturas no rumo da literatura.

E por fim, a sétima tese trata da função social da criação literária, pois tem caráter emancipador, expandindo os horizontes de expectativas do leitor: “O fato de o leitor ser capaz, por meio da literatura, de visualizar aspectos de sua prática cotidiana de modo diferenciado é justamente o que provoca a experiência estética” (COSTA, 2011, p. [6])

Para Jauss a valoração da literatura está em sua capacidade de romper com as estruturas de pensamento, em sua capacidade estética; essa se dá por meio de três atividades primordiais no ato de ler, que não são hierárquicas ou pressupõem um processo (ZILBERMANN, 2008). As três categorias fundamentais da fruição estética são: a *poiesis*, que se refere ao prazer do leitor em se sentir coautor da obra literária ou, o prazer ante a obra que nós mesmos realizamos, pela criação artística. É pela atividade de *poiesis* que o homem alcança um saber que se distingue dos conceitos científicos e das atividades que se definem como mera reprodução (JAUSS, 1979b, p. 80); a *aisthesis* que se refere ao prazer por uma nova percepção da realidade, “[...] recepção prazerosa do objeto estético como uma visão intensificada, sem conceito, ou como processo de estranhamento, como uma visão renovada.” É o conhecimento sensível. (Idem); e a *katharsis* que representa “o prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o expectador à transformação de suas convicções, quanto à libertação de sua psique” (Idem). Corresponde tanto à tarefa prática da arte quanto à social. Levar o leitor, “através do prazer de si, ao prazer no outro, para a liberdade estética da sua capacidade de julgar.” (Idem, p. 81).

Wolfgang Iser, por sua vez, tem uma de suas principais publicações acerca do efeito estético na obra *O Ato da Leitura: uma Teoria do Efeito Estético* (1996), que foi publicada no Brasil, em dois volumes, vinte anos depois de sua publicação original. Nela, formula a tese de que o texto é um dispositivo a partir do qual o leitor constrói suas representações. A qualidade estética de uma obra literária está, portanto, na “estrutura de realização” do texto e na forma como ele se organiza, pois são as estruturas textuais que propiciam ao leitor experiências reais de leitura. (COSTA, 2011, p. [7])

O pensamento de Iser se sustenta nas seguintes bases (COSTA, 2011; ZILBERMANN, 1989): a relevância dos espaços deixados pelo autor para que o leitor seja atuante e coautor da obra, o que ele chama de “vazio”. (ISER, 1979); a obra literária se concretiza no ato da leitura, no qual os horizontes de expectativas do autor dialogam com os horizontes do leitor; o leitor constrói suas representações a partir do texto; o texto literário é capaz de causar estranhamento, de confrontar as ideias de normalidade, por isso o leitor passa a ter noção de sua própria realidade; o texto não se comunica apenas com os leitores de sua época, mas dialoga também com leitores futuros, onde há um novo horizonte de expectativas, outros

repertórios; o leitor implícito é aquele que não tem existência real, mas existe nas bases da estrutura textual, para quem são deixadas “pistas” na condução da leitura; o texto em sua estrutura possui ideias conflitantes, o que obriga o leitor a se posicionar na defesa de uma perspectiva, e esta condição embasa a teoria sobre a perspectividade. Nesta interação, o leitor pode confirmar seus horizontes de expectativa ou confrontá-lo e transformá-lo.

#### **4 METODOLOGIA**

O trabalho investigativo caracterizou-se como pesquisa qualitativa, exploratória, baseada em pesquisa-ação. A pesquisa partiu de uma oficina de leitura de literatura, realizada pela bibliotecária, com estudantes de duas turmas da 8ª série do Ensino Fundamental (turma do currículo anterior ao EF de 9 anos), com idade aproximada de 13 anos, de uma escola particular de Porto Alegre, situada no bairro Glória, onde a pesquisadora atuava há dois anos. A atividade ocorreu com duas turmas, envolvendo aproximadamente 60 estudantes, entre novembro e dezembro de 2014. O tempo de realização da oficina com cada turma foi de 1h40min, aproximadamente, dos quais, 20 minutos para a leitura do conto “O coração delator”, de Edgar Allan Poe (2012), e o restante do tempo para contextualização, debate e preenchimento do questionário. A professora de Língua Portuguesa foi quem cedeu os períodos de aula para a realização da oficina.

A escolha do conto se deu por vários motivos: por ser uma história curta, possível de ser lida do início ao fim durante os períodos do trabalho; por ser um texto aberto a interpretações e julgamentos múltiplos; por ter sido escrita por um autor renomado; por ter sido escrita em um tempo histórico distante dos estudantes, o que oportuniza refletir sobre a possível atualidade de um texto; e por ser um conto de terror, temática que normalmente é de interesse dos adolescentes de ambos os gêneros.

A oficina de leitura de literatura foi realizada pela pesquisadora, bibliotecária. Os estudantes foram acomodados na sala multimídia do Colégio, climatizada e totalmente às escuras. Nada foi informado antes, senão, a diferença entre uma história de terror e uma de horror. Foi utilizado o recurso do *PowerPoint*, em cujas lâminas foi transcrito o conto. Todas as palavras consideradas mais estranhas ao vocabulário dos estudantes foram grifadas e o

significado denotativo descrito ao pé do slide onde se encontravam. A leitura expressiva foi realizada em voz alta pela pesquisadora, a partir do fundo da sala, com entonação considerada pertinente aos sentimentos intensos da personagem-narrador, enquanto os estudantes podiam acompanhar o texto pelos slides.

Após a leitura do conto, ainda utilizando o recurso do *PowerPoint*, foi lançada a primeira pergunta interpretativa do texto: “em que época se passa a narrativa?”. Os estudantes que participaram da oficina foram levados a inferir a resposta à pergunta. Após a apresentação de uma breve biografia do autor e contextualização histórica dos EUA no século XIX, as interpretações foram sendo agregadas de outras ideias, gerando amplo debate. Assim, foram sendo lançadas outras tantas perguntas baseadas nas lacunas textuais deixadas pelo autor para que os estudantes continuassem a interpretação do texto.

Para todas as perguntas de interpretação recorreremos ao texto para buscar vestígios ou pistas que pudessem embasar as respostas; também foi ponderada a lógica e os conhecimentos prévios dos estudantes para o exercício de interpretação. Importante apontar que outras perguntas diferentes das propostas foram feitas por eles, o que deixou o trabalho interpretativo mais rico e com um caráter de protagonismo.

Por se tratar de uma pesquisa-ação, em que o pesquisador está diretamente envolvido na proposta, podendo a sua postura influenciar nos resultados, tomou-se uma precaução e decidiu-se que as duas oficinas seriam gravadas em mp3. Para que os estudantes se sentissem à vontade para interagir, foi previamente combinado que não seriam utilizadas as informações gravadas. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário com 13 questões semi-estruturadas (ver APÊNDICE). O questionário, sem identificação, foi respondido ao final do período com a professora, e foi recolhido no dia seguinte pela bibliotecária, junto com Termo de Consentimento assinado pelos responsáveis.

As perguntas do questionário tiveram o objetivo de identificar o impacto da oficina para os estudantes, no que se refere ao gosto pela leitura e para a formação do leitor, a partir de conceitos da Teoria da Estética da Recepção.

Para a organização e descrição dos dados, e, a fim de manter o anonimato, os respondentes foram nomeados por “Participante” e numerado em ordem sequencial. Os 10

primeiros respondentes são estudantes da turma 183 e os quatro últimos integrantes da turma 182.

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Dos aproximadamente 60 estudantes participantes da Oficina, 14 puderam entregar o questionário junto ao Termo de Consentimento assinado pelos responsáveis, quantidade que foi considerada adequada para a análise dos dados. A não devolutiva dos outros tantos questionários também permite leituras e análises que não serão aprofundadas aqui, embora se possa apontar como uma possibilidade a burocracia de ter de pedir aos pais que assinassem o Termo.

Partindo dos objetivos do projeto, revelam-se as respostas dos estudantes no questionário, propondo análise à luz da Teoria da Estética da Recepção.

No que respeita à proposta da oficina, aparentemente “descomprometida” de trabalhos escolares, focada no prazer do contato com a obra literária, realizada por meio da contextualização do autor e da obra, com um trabalho interpretativo calcado nas pistas do texto e nos conhecimentos prévios do leitor, pode-se apontar: 12 estudantes, dos 14 respondentes, declararam ter gostado tanto do texto escolhido quando da forma de trabalho proposta pela oficina. Apenas um estudante, o Participante 13, disse não ter gostado do texto, embora aprovado a forma como foi trabalhado. A experiência com a oficina nesse formato se mostrou uma novidade positiva para os estudantes respondentes. Ao serem convidados a definir a experiência, descreveram-na como: “diferente”, “muito legal” “bem interessante”, “legal”, “muito bom”, “emocionante”, “ótima”. Destacamos dois comentários: “Interessante para que seja bem compreendido o texto” (Participante 14) e “Apesar de acostumado a ler, fiquei bem entusiasmada em ir a fundo à leitura” (Participante 10). Apesar de uma atividade analítica, o que para o adolescente pode ser penosa, ela proporcionou prazer. E parece-nos que para eles foi uma experiência diferenciada no contexto escolar.

A escolha do texto mostrou-se adequada. Um estudante, Participante 11, que afirmou não gostar de ler, relatou: “Foi ótima [a oficina], mas eu não leio porque detesto ler, mas as histórias podem ser boas”, indicando que o texto o surpreendeu e caiu no seu gosto; o outro,

Participante 4, ressaltou o ineditismo da obra: “Legal, por poder debater um livro que ninguém conhecia”. Além desse impacto da novidade e da surpresa do texto, podem-se apontar como positivos os fatores intrínsecos a ele, tais como a perspectividade, que proporcionou debate sobre loucura *versus* sanidade a partir da posição do narrador *versus* a posição do “leitor implícito”; e as lacunas deixadas pelo autor para interpretação, que também proporcionou um trabalho interpretativo bastante produtivo com a obra.

Analisando o trabalho interpretativo com foco no leitor, pode-se apontar que os estudantes tiveram oportunidade de perceber as diversas opiniões e diferentes interpretações dos colegas para uma mesma questão. Todos os estudantes afirmaram ser “correta” esta individualidade na interpretação. Comumente, no âmbito escolar, a interpretação é focada nas palavras do autor, na tentativa de desvendar os objetivos do autor com a obra. Ao contrário, com a teoria da Estética da Recepção, o foco é dado à recepção do leitor. Esta proposta mostrou-se nova para os estudantes, conforme o Participante 13: “É estranho, mas podemos aprender bastante”.

Os conceitos de *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* de Jauss, puderam ser observadas com a oficina, então, em várias situações. Viu-se que o exercício de preenchimento das lacunas deixadas pelo autor proporcionou a ação da *poiesis*; a *aisthesis*, em que é evidenciado prazer com o estranhamento, com uma nova visão da realidade, também ficou evidente na oficina. O estranhamento foi proporcionado, primeiramente, com o próprio formato da oficina.

A questão sobre se concordaram ou não com os pensamentos e argumentos da personagem-narrador, a maioria (11 estudantes) discordaram, colocando-se na condição do “leitor implícito” de Poe, que deveria discordar dos argumentos. A questão é que, até que chegassem a esta resposta no papel, houve debate entre todos no espaço da oficina, com defesas e ataques aos argumentos do narrador. A maioria dos estudantes afirmou no questionário terem podido refletir sobre o tema loucura, contra apenas três estudantes que marcaram “não” a respeito da possibilidade de reflexão. Esta é a presença do conceito da *aisthesis*, como mais um ponto positivo para o gosto proporcionado pela oficina. Um dos estudantes que negou a possibilidade de reflexão, revelou: “simplesmente não tenho certeza” e “vergonhosamente, não tenho certeza do que é loucura”. Este é um estudante que ainda não

tem formado seu conceito sobre o tema tratado. Provavelmente para ele, uma bagagem maior de leituras seja necessária para que haja constituição de seu horizonte de expectativa.

No que toca à contextualização do autor e da obra, 13 dos 14 estudantes afirmaram ser relevante conhecer o contexto do autor para a interpretação da obra. Todos declararam ter algum conhecimento prévio a respeito do século XIX, em especial sobre família, trabalho e transporte. Ao perguntar-se se imaginavam o período em que a obra havia sido escrita (1843), o grupo dividiu-se em “sim” e “não”, com justificativas diversas, baseadas em conhecimentos prévio. O estudante Participante 11 argumentou: “há aspectos no texto que ajudam a perceber em que época se passa”, que se pode julgar ter sido resultado da própria oficina: voltamos ao texto para identificar as pistas da época em que a história se passava.

O que se destaca até então é a noção dada aos estudantes da historicidade da obra literária, bem como o horizonte de expectativas da obra em sua época e do leitor em seu contexto. Um estudante, inclusive, misturou ficção e realidade do autor quando questionado se concordava com os argumentos do narrador: “se formos pensar sobre quem escreveu o livro, sabemos que ele não teve uma vida boa”, remetendo ao estado de espírito de Edgar Allan Poe refletido na personagem principal.

Ainda que tenha sido dada valorização a essa contextualização para a leitura, pelos estudantes, apenas a metade deles afirmaram pretender ler usando a abordagem praticada na oficina. Seis estudantes afirmaram que “não” pretendem ler dessa forma e um respondeu “talvez”. Quanto à questão sobre se pretendem ler mais obras de Poe, apenas cinco estudantes responderam “sim”. Questionados se desejam mais oficinas como essa durante o ano letivo, todos responderam “sim”.

O que se pode inferir com esta situação, é que, a oficina foi elucidativa de como fazer uma leitura contextualizada e aprofundada na interpretação, mas não foi capaz, em apenas uma edição, de incentivar uma parte significativa dos estudantes respondentes a praticarem em suas leituras individuais. A oficina vislumbrou um contato prazeroso dos estudantes com a obra literária, mas não teve o mesmo sucesso quando se propôs ao incentivo a uma leitura mais crítica e contextualizada, que se quer, no plano individual.

Portanto, no que respeita à formação do leitor, pode-se afirmar: os estudantes tiveram contato e perceberam a importância de contextualizar a obra literária e a vida do autor;

tiveram oportunidade de perceber a função conotativa do texto literário a partir das questões lançadas para interpretação; experienciaram a interpretação por meio das pistas deixadas pelo autor e da importância dos conhecimentos e de leituras prévias para interpretação; o valor estético de uma obra, que permite que se confrontem ideias e visões de mundo. No entanto, somente a metade dos respondentes diz pretender ler dessa forma aprofundada. Porém, há de se considerar também, que não se formam leitores com apenas uma ação. O posicionamento dos estudantes em não pretenderem ler de forma mais crítica pode ser momentânea. Fica então o desafio da continuidade deste trabalho para que os estudantes sigam um caminho que não tem volta: o de uma leitura crítica, prazerosa e transformadora.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação do leitor literário requer, mais do que incentivar o hábito, preparar o leitor para essa experiência: perceber a característica conotativa desse tipo de texto; conhecer características dos gêneros textuais e literários; contextualizar o texto no horizonte de expectativa do autor; oportunizar reflexão relacionando a ficção com a realidade; ter contato com textos de fruição. A Teoria da Estética da Recepção se apresenta como colaboradora dessa experiência quando percebe o leitor como a peça-chave para a existência e para a valorização da obra literária: é através da recepção que a obra de arte literária se concretiza. É o leitor o responsável pela atualização da obra literária quando ela se mostra capaz de ser surpreendente para o leitor futuro. Uma obra literária significativa é aquela que transforma os horizontes do leitor, que permite que ele se sinta produtivo diante dela. Enfim, postula as bases para a realização do prazer no ato de ler.

Acerca dos objetivos da pesquisa, alguns resultados podem ser apontados, sendo o primeiro: o bibliotecário escolar pode e deve ser um agente da formação de leitor e do incentivo à leitura; este profissional só consegue fazer tal trabalho com o apoio e parceria do professor. No que se refere às bases da Estética da Recepção: a escolha do texto foi bastante feliz para o público-alvo; o trabalho interpretativo focado nas lacunas do texto, propiciando livre interpretação por meio das pistas e levando em consideração a bagagem cultural dos estudantes, foi muito bem aceita por eles – apenas 1 estudante revelou ter sido “indiferente”

à proposta da atividade. Todos os 14 respondentes afirmaram desejar que oficinas como essas sejam realizadas durante o ano letivo, o que sugere ter sido um contato muito positivo e prazeroso com a literatura, revelando, assim, o efeito da *poiesis* e da *aisthesis* no trabalho de interpretação, e de forma menos explícita, a *katharsis*, já que o “leitor implícito” de Poe pensa como os estudantes a respeito do tema da obra, a loucura.

Apontados os resultados positivos desta oficina, percebeu-se, por outro lado, que ela não se apresentou como suficiente para que parte significativa dos estudantes respondentes vislumbre o mesmo prazer na leitura individual. Todos desejam que haja mais oficinas, mas poucos estudantes (cinco dos 14 respondentes) pretendem fazer esta leitura contextualizada e aprofundada em sua atividade solitária.

Há de se considerar nesta análise que a oficina teve uma edição única. Pretendeu-se com ela observar o impacto de uma nova proposta para o trabalho com a leitura de literatura, sendo oferecida pela biblioteca, por intermédio do bibliotecário. A formação do leitor não pode ocorrer em uma única ação; ela deve ser pensada e praticada durante toda a vida escolar.

Observou-se com a pesquisa que a ação teve um impacto positivo para os estudantes que afirmaram gostarem de ler, mas, especialmente, com os que afirmaram que não. Fica então o compromisso e o desafio de dar continuidade à oficina, de forma a ser incluída no calendário escolar, para uma avaliação mais efetiva sobre a formação do leitor e sobre a relevância do profissional bibliotecário nesse processo.

## REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COSTA, Marcia. **Estética da Recepção e Teoria do Efeito**. 2011. Disponível em: <[http://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est\\_recep\\_teorias\\_efeito.pdf](http://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf)> Acesso em: 10 maio 2018.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Sextante, 2016. Disponível em: <[http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016\\_LIVRO\\_EM\\_PDF\\_FINAL\\_COM\\_CAPA.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2018.

IFLA; UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2018.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: A LITERATURA e o leitor: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

\_\_\_\_\_. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. Vol. 1. Tradução: Johannes Kretchmer. [2. ed]. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A estética da recepção: colocações gerais.** In: A LITERATURA e o leitor: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a. p.43-82.

\_\_\_\_\_. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e karthasis. In: A LITERATURA e o leitor: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b. p. 63-82.

POE, Edgar. O Coração delator. In: \_\_\_\_\_. **O enterro prematuro.** Porto Alegre: Besourobox, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea:** estudos neolatinos, Rio de Janeiro, v.10, n.1, jan./jun. 2008. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2008000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2008000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 maio 2018.

Recebido em: 31 de janeiro de 2018 Aceito em: 06 de junho de 2018
--

### APÊNDICE - Questões semi-estruturadas

Questão 1 - Gosta de ler?	Sim
	Não
	Outra resposta
Questão 2 - Como foi pra você ler esta obra neste formato realizado pela oficina?	Gostou muito da atividade (texto e análise)
	Gostou do texto e não gostou análise
	Não gostou texto, mas gostou da análise
	Foi indiferente
Questão 3 – Que sentimentos a obra despertou?	Não gostou de nada
Questão 4 - Conhecer a vida do Edgar Allan Poe foi importante para pensar e compreender a obra?	Sim
	Não
	Outra resposta
Questão 5 - Você tinha alguma ideia sobre a vida no século 19 (1800-1899) em relação a?	O que conhecia?
Questão 6 - Enquanto lia/ouvia o conto, você imaginava que havia sido escrita em 1840?	Sim
	Não
	Justificativa
Questão 7 - Você costumava ler um texto da forma que praticamos hoje, fazendo perguntas e voltando várias vezes ao início da obra para tentar respondê-las?	Sim
	Às vezes
	Não
	Sobre a experiência da Oficina
Questão 8 - Você percebeu se os outros colegas propuseram respostas diferentes para as perguntas feitas?	sim
	Não
	É correto diferença na reflexão
Questão 9 - Você acha que a leitura deste texto e os debates fizeram você refletir sobre o que você pensa sobre um tema bastante importante na obra, que é a loucura?	Sim
	Não
	Teve outras ideias ou manteve o que pensava
Questão 10 - Você concorda com os argumentos do narrador sobre a sua sanidade mental ?	Sim
	Não
	Não tenho certeza
	Justificativa
Questão 11 - Você pretende ler mais textos do autor, Edgar Allan Poe?	Sim
	Não
	Outra resposta
Questão 12 - Você pretende ler textos neste formato que fizemos hoje?	Sim
	Não
	Outra resposta
Questão 13 - Você gostaria que fizessemos mais oficinas de leituras como esta ao longo do ano?	Sim
	Não
	sugestões

**Fonte:** Do Autor (2015)